



SEGUROS

Ageas quer investir mas não paga “preços loucos”

Steven Braekeveldt, CEO da Ageas Portugal, garante que o grupo está interessado em investir no país. E não exclui a compra da Tranquilidade, numa altura em que está a “analisar o dossiê”. Mas recusa pagar um preço “louco” pela seguradora.

RITA ATALAIÁ

ritaatalaia@negocios.pt

A Ageas Portugal está atenta a oportunidades no mercado nacional. Depois de um ano em que conseguiu lucros de mais de 100 milhões de euros, Steven Braekeveldt, CEO do Grupo Ageas Portugal, revela que a seguradora tem centenas de milhões para investir no país, deixando a porta aberta à compra da Tranquilidade. Está “a analisar”, para perceber se é uma aposta estrategicamente viável, mas descarta pagar um “crazy price” [preço louco] pela empresa comprada pela Apollo em 2015 ao Novo Banco.

“O crescimento orgânico fará sempre parte do nosso negócio. Quero ver o número de clientes a aumentar pelo serviço que prestamos”, começa por dizer o responsável pela atividade da Ageas em território nacional em entrevista ao Negócios. Mas “todos sabem que a Tranquilidade está à venda”. A aposta do grupo na seguradora vai “depende-se esta faz sentido estrategicamente”, estando agora a “analisar o dossiê”, explica Steven Braekeveldt. E continua: “Quando vemos um vestido numa loja não o compramos só por olharmos para ele. Temos de o experimentar. É o mesmo quando compramos empresas. Temos de experimentar e só aí veremos se encaixa na nossa estratégia”, afirma o presidente executivo da Ageas Portugal, notando que, “por enquanto, estamos só na fase de olhar para o vestido”.

As notícias de que a Apollo Global Management estaria a explorar a venda da seguradora Tranquilidade foram avançadas em setem-



Miguel Baltazar

Steven Braekeveldt, CEO da Ageas Portugal, diz que o grupo quer investir em Portugal.

bro do ano passado pela Bloomberg. Isto numa operação que, segundo fontes próximas do processo, poderá render cerca de 600 milhões de euros e atrair quer seguradoras quer fundos de investimento. Em 2015, a Apollo pagou 40 milhões de euros ao Novo Banco pela Tranquilidade.

Preço elevado?

“Não vão ver o nosso nome”

Questionado sobre se estão dispostos a investir este valor no país, Steven Braekeveldt afirma que, “de uma perspectiva do grupo, queremos investir. Portugal é um mercado doméstico” no qual faz sentido apostar por ser “aí que queremos ser fortes”. E reforça: “O grupo está inte-

ressado em Portugal” e, “se a oportunidade aparecer, o grupo vai investir”. Agora, se for um preço “louco, não vão ver o nosso nome” neste negócio. “A Ageas é um grupo muito disciplinado e nunca pagá-

“

Estamos a analisar o dossiê (...) se for um preço louco, não vão ver o nosso nome.

STEVEN BRAEKEVELDT
CEO do Grupo Ageas Portugal

mos preços loucos”, salienta o presidente executivo. Nesta corrida à Tranquilidade, o jornal espanhol Cinco Días aponta ainda a Mapfre, Generali, Zurich e Allianz como outras interessadas em ficar com a seguradora. O processo deve ficar concluído até ao início do verão.

Várias marcas, mas os mesmos valores

Se a Ageas acabar por decidir avançar com a compra da seguradora detida pela Apollo, vai juntar-se a um conjunto de marcas que fazem parte deste grupo, como é o caso da Ocidental, Médis, Ageas Seguros e a Seguro Directo. Apesar de o CEO não considerar fundir as marcas, uma vez que “cada uma tem as suas ca-

racterísticas”, a seguradora avançou com a sua integração na chamada “One Ageas Portugal”, um processo que ficou entretanto concluído. “O departamento jurídico, o de ‘compliance’, os recursos humanos, as tecnologias da informação, a comunicação... está tudo integrado”, explica o presidente, notando que isto permite que um funcionário que esteja, por exemplo, a trabalhar na Médis possa passar para outra empresa dentro do grupo. Quanto ao número de colaboradores, Braekeveldt descarta a possibilidade de vir a reduzir a equipa devido à digitalização. Para o responsável, esta “não vai ser uma revolução” mas sim uma evolução” no setor, à qual “as pessoas se vão conseguir adaptar”. ■



Ramo não vida leva lucros da Ageas Portugal para 105 milhões

A seguradora conseguiu aumentar ligeiramente os lucros no ano passado, à boleia da melhoria do volume de negócio no ramo não vida. Em 2017, o resultado foi positivo em 99 milhões de euros.

A Ageas Portugal, empresa que agrega a Ocidental, Médias, Ageas Seguros e Seguro Directo, apresentou um lucro de 105,1 milhões de euros no ano passado, ligeiramente acima dos 99 milhões de euros registados no ano anterior. Um resultado que se deveu à melhoria do ramo não vida, no qual se incluem seguros de acidentes de trabalho e automóvel. De acordo com os resultados da Ageas Portugal para 2018, o volume de negócio contou com um aumento no ramo não vida de 628 milhões para 677 milhões de euros, com o total do grupo a ascender aos 2,2 mil milhões de euros - o mesmo valor do ano anterior. Isto num período em que o ramo vida sofreu uma quebra de 1.541 milhões para 1.494 milhões de euros.

“Quando comprámos a Axa, esta estava a perder dinheiro. Estava com prejuízos entre 30 e 40 milhões de euros”, lembra Steven Braekeveldt, notando que, “gradualmente, estamos a mover a empresa em direção aos lucros”. De acordo com o presidente executivo da Ageas Portugal, esta é uma “tendência muito boa”, isto apesar da passagem do furacão Leslie por território nacional, que causou danos avultados em todo o país, e dos impostos aplicados aos seguros vida. “Foram uns quantos milhões que desapareceram”, sublinha.

Ageas Seguros ainda não equilibra as contas

Esta recuperação ligeira do resultado foi suportada pelo crescimento da Médias, mas também pela recuperação da Ageas Seguros, refere o responsável, notando, porém que a última ainda não conseguiu equilibrar as contas. “Em 2018, queremos estar, no não vida, dentro do ‘break-even’ [ponto de equilíbrio em que não há lucros nem prejuízos]”, disse, no ano passado, ao Negócios José Gomes, o responsável pela área não

Seguros dos carros deviam aumentar

O responsável pela Ageas em Portugal considera que o mercado nacional dos seguros automóvel “não é saudável”. Isto porque os portugueses pagam significativamente menos pelos seguros em comparação com outros países da Europa. “Os seguros automóvel ainda são um problema. Em Portugal, se comprar um seguro, pago 1.000 euros, enquanto na Bélgica o valor é de 7.000 euros [por ano]”, nota Steven Braekeveldt, questionando: “como absorvemos os custos de todos estes acidentes - e em Portugal há muitos acidentes - se o preço é tão baixo?”. Neste sentido, o presidente executivo do grupo defende que o “risco está mal avaliado” e que o “Governo ou o regulador deviam intervir e dizer que isto não é aceitável. Não podemos vender abaixo do custo”.

vida e que dá a cara pela Ageas Seguros. “A Ageas Seguros ainda não atingiu o ‘break-even’ em 2018, mas será bastante lucrativa em 2019”, afirma Steven Braekeveldt.

Além do equilíbrio das contas, um outro objetivo para o grupo, como um todo, é aumentar o número de clientes ao melhorar a sua experiência junto daquela que é a segunda maior seguradora em território nacional. Mas ultrapassar a Multicare na quota de mercado não é uma prioridade. “Ser o número 1 não me interessa”, diz o responsável. No ano passado, a atividade da Ageas em Portugal perdeu terreno em comparação com 2017, com a quota de mercado a cair para 16,6%, face aos anteriores 18,6%. ■ RA

NÚMEROS

Conheça os resultados da Ageas Portugal

O grupo liderado por Steven Braekeveldt comprou a Axa, em 2016, e tem desde então vindo a assistir a uma melhoria dos resultados, passando de prejuízos a lucros.

2.200

NEGÓCIO

A Ageas Portugal alcançou um volume de negócios de 2.200 milhões de euros no ano passado.

16,6%

QUOTA DE MERCADO

A Ageas Portugal é a segunda maior seguradora em território nacional, logo atrás da Multicare.

1.304

TRABALHADORES

Em comparação com o ano anterior, o grupo aumentou o número de funcionários de 1.281 para 1.304 em 2018.

PERGUNTAS A STEVEN BRAEKEVELDT

CEO do Grupo Ageas Portugal

Poupança? “Ninguém poupa em Portugal”

Steven Braekeveldt, CEO do Grupo Ageas Portugal, alerta que o país continua muito vulnerável a riscos externos e apela a uma mudança de mentalidade dos portugueses: é preciso começar a poupar.

Como é que vê a economia portuguesa? Conseguirá resistir a um abrandamento?

Todos conseguem ver uma melhoria. Os números não mentem. A maior preocupação é o risco financeiro. Penso que se Itália abrandar de forma significativa, então os riscos para Portugal aumentariam muito, porque, e apesar de ter saído muito bem da crise, para o mundo ainda é um país muito interdependente. Um risco num desses países - Itália, Grécia ou Alemanha - iria afetar Portugal. Mas o país está muito mais resiliente.

Receia que um abrandamento da economia arraste os níveis de poupança para valores ainda mais baixos?

Este é o maior desafio de Portugal: ninguém poupa. E isso deve-se à falta de educação financeira, na escola, nas universidades. É um grande problema para o país. É preciso educar os filhos e isto começa nos pais.

E do Governo? Não deveria dar mais incentivos para a poupança?

Podemos dar incentivos, mas, no final de contas, tem a ver com a educação. Por que é que o Japão e a Bélgica são número 1 nas poupanças? Porque quando somos criança é-nos dito que temos de poupar.

Este é o maior desafio de Portugal: ninguém poupa. E isso deve-se à falta de educação financeira (...) o Governo até pode dar incentivos, mas, no final de contas, tem a ver com a educação.

Isso é algo constante.

Como vê o investimento nos PPR (Plano Poupança Reforma)?

A questão é perceber qual é o segmento que investe. Se eu for rico, posso investir em PPR a toda a hora porque sou rico. Mas há uma grande parte da sociedade - aquela que deveria investir - que não investe em nada.

A Ageas está preparada para o PPR europeu?

Ainda não olhei muito para isso. Mas penso que é algo positivo. É essencial que tenhamos isto harmonizado porque já ninguém fica no seu país. ■

negócios

negocios.pt

Terça-feira, 9 de abril de 2019 | Diário | Ano XVI | N.º 3971 | € 2.50
Diretor **André Veríssimo** | Diretor adjunto **Celso Filipe**

BES pede 14 milhões a ex-administradores

Responsáveis pela liquidação querem perícia ao crédito concedido pelo Goldman Sachs em 2014. | **Quinze antigos gestores** acusados de praticarem atos lesivos para os credores. Falta notificar Ricardo Salgado.

PRIMEIRA LINHA 4 a 7



Ageas avalia Tranquilidade mas recusa pagar “preço louco”

Steven Braekeveldt, CEO da seguradora em Portugal, garante que o grupo está interessado em investir no país.

EMPRESAS 12 e 13

Matérias-primas
Petróleo está acima dos 70 dólares. Pode chegar aos 80?

MERCADOS 18 e 19

Automóvel
Fiat Chrysler usa Tesla para tentar “fintar” Bruxelas

HOMEPAGE 2

Energia
Elétricas terão recebido 3,4 mil milhões a mais, diz relatório preliminar

EMPRESAS 15

Indústria
Terra Nostra serve “vacas felizes” a italianos e chineses

EMPRESAS 14

O mistério dos trabalhadores independentes desaparecidos

Número de pessoas que trabalham por conta própria diminuiu quase 40% em 10 anos. Mudanças na economia e na legislação ajudam a explicar redução.

ECONOMIA 8 e 9

EDP LIVE BANDS

edp

AS PAREDES NÃO TEM OUVIDOS

Leva a tua banda favorita à final do EDP Live Bands

Vota já em edplivebands.edp.com